



8 DE JANEIRO DE 2023: A TENTATIVA DA MARCHA SOBRE BRASÍLIA

JANUARY 8, 2023: THE ATTEMPTED MARCH ON BRASÍLIA

Eduardo Lopes Machado¹

RESUMO: O ponto de origem deste artigo se baseia em dois trabalhos e um acontecimento na história brasileira. O primeiro trabalho é o Reporte de la Democracia 2023, do Instituto V-Dem e o segundo trabalho é o livro *Fascismo: um alerta*, de autoria de Madeleine Albright e Bill Woodward. O acontecimento histórico brasileiro é a tentativa de golpe de estado, quando radicais bolsonaristas invadiram e depredaram o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal (STF), em Brasília, no dia 8 de janeiro de 2023. O artigo se desenvolve mostrando o paralelismo de vários atos e medidas adotadas durante o governo do ex-Presidente Jair Bolsonaro com outros atos e medidas adotadas em outros tempos históricos por governos e movimentos de cunho fascista, como Mussolini e Hitler, na Europa, e Plínio Salgado, no Brasil. Trata-se, dessa maneira, de estudo que utilizou uma abordagem transdisciplinar entre Direito Constitucional, Ciência Política e História por meio de revisão bibliográfica e desenvolvendo-se pelo método dedutivo com enfoque crítico.

PALAVRAS-CHAVE: Neofascismo; Tentativa de golpe no Brasil; Crescimento das autocracias; Crise das democracias; Nova extrema-direita.

ABSTRACT: The point of origin of this article is based on two works and an event in Brazilian history. The first work is the Reporte de la Democracia 2023, from the V-Dem Institute and the second work is the book *Fascismo: um alerta*, authored by Madeleine Albright and Bill Woodward. The Brazilian historical event is the attempted coup d'état, when Bolsonaro radicals invaded and vandalized the National Congress, the Planalto Palace and the Federal Supreme Court (STF), in Brasília, on January 8, 2023. The article develops showing the parallelism of several acts and measures adopted during the government of former President Jair Bolsonaro with other acts and measures adopted in other historical times by governments

¹ Mestrando em Direito Público pela Universidade FUMEC (Fundação Mineira de Educação e Cultura) e graduado em Direito pela mesma universidade. E-mail: eduardolopesmachado@gmail.com.





and movements with a fascist nature, such as Mussolini and Hitler, in Europe, and Plínio Salgado, in Brazil. This is, therefore, a study that used a transdisciplinary approach between Constitutional Law, Political Science and History through a bibliographical review and developed using the deductive method with a critical focus.

KEYWORDS: Neofascism; Coup attempt in Brazil; Growth of autocracies; Crisis of democracies; New extreme right.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa analisar os acontecimentos ocorridos no Brasil no dia 8 de janeiro de 2023 e mostrar as *coincidências* entre as práticas da ideologia fascista e a gestão do governo do ex-Presidente Jair Messias Bolsonaro (Bolsonaro). Após a perda das eleições presidenciais no segundo turno das eleições, grupos de apoiadores do candidato democraticamente derrotado, Bolsonaro, empreenderam uma tentativa de tomada do Poder. Inicialmente o movimento empreendeu acampamentos na frente de quartéis em várias cidades do País exigindo a intervenção dos militares. O ápice, resultante da escalada extremista da direita nacional, foi a invasão das sedes dos Três Poderes da República no dia 8 de janeiro de 2023. As cenas, amplamente divulgadas na imprensa nacional e internacional, mostraram claramente até que ponto o extremismo ideológico pode chegar.

Tem-se como referencial teórico o livro *Fascismo: um alerta*, de Madeleine Albright e Bill Woodward e o relatório anual sobre a democracia intitulado de *Reporte de la Democracia 2023*, do Instituto V-Dem. Far-se-á, neste artigo, um paralelo entre a retomada da ideologia Fascista em várias partes do mundo, incluindo o Brasil, e os acontecimentos de 8 de janeiro de 2023. Pretende-se, dessa maneira, demonstrar que a tentativa de derrubado do poder democrático foi o cume de uma escalada de várias medidas adotadas durante o governo do ex-Presidente Jair Bolsonaro.

Porém, antes de adentrar nas ações fascistas do governo Bolsonaro, é preciso entender como nasceu a “semente do mal”, o Fascismo². Inicialmente no contexto europeu no pós-

² Importante destacar que o Fascismo (grafado com maiúscula) é um fenômeno essencialmente italiano. Mas como dito, a *semente do mal*, se espalhou pelo mundo como um vírus, que contaminou e continua contaminando muitos governos na atualidade. O Fascismo adotou diversas formas ao redor do mundo e cada um desses países nomeou-a da forma que quis. É o caso, por exemplo, da Alemanha, que *nacionalizou* o Fascismo italiano dentro das





Primeira Guerra Mundial, especificamente decorrente das condições econômicas e sociais nas duas primeiras décadas do século XX na Itália. A empreitada totalitarista de Mussolini foi tão bem sucedida que Hitler seguiu a cartilha de forma primorosa, inclusive ampliando e aprimorando o Fascismo italiano, como no caso do extermínio em massa de pessoas consideradas indesejadas ou pertencentes a raças inferiores.

Mas a *semente do mal* já havia se espalhado pelo mundo. E o Brasil prontamente se dispôs a internalizar a ideologia fascista. Foi o caso da Ação Integralista Brasileira, cujos integrantes passaram a ser conhecidos como camisas verdes e que ostentavam uma braçadeira muito semelhante à usada pelos nazistas – fundo azul, um círculo branco e no centro do círculo a letra grega sigma (Σ) –, e qualquer semelhança não é mera coincidência.

Por derradeiro, o artigo faz um paralelo entre o governo Bolsonaro e as ações nitidamente retiradas do ideário fascista. Somente a título de exemplo nesse introito, a tentativa de pôr fim aos curso de Filosofia e de Sociologia no País, que resultou na moção de repúdio publicada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, em 29 de abril de 2019³. Além da tentativa de colocar fim ao ensino da Filosofia e da Sociologia, o governo Bolsonaro empregou a *cartilha fascista* em diversos outros âmbitos, sociais e políticos.

O clímax se deu após a derrota nas eleições para Presidente da República no ano de 2022. Em uma tentativa frustrada de retomar o poder à força, apoiadores do presidente derrotado, Jair Messias Bolsonaro, empreenderam uma *marcha* sobre Brasília. E aqui, mais uma vez, qualquer semelhança não é mera coincidência com a Marcha sobre Roma, empreendida por Mussolini após, sob ameaças ao Rei Vítor Emanuel III, ascender ao cargo de Primeiro-Ministro.

2 O NASCIMENTO DO FASCISMO

necessidades da sua própria ideologia, mas que, em essência, tinha por base o Fascismo que se desenvolveu na Itália durante o governo de Benito Mussolini.

³ O conteúdo da moção de repúdio pode ser lida no site da CNTE, em <https://www.cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/mocoes/66719-mocao-de-repudio-a-tentativa-do-governo-bolsonaro-em-acabar-com-o-ensino-de-filosofia-e-sociologia-no-brasil>.





O Fascismo⁴ tem sua origem na Itália e a sua consolidação ideológica teve como figura central Benito Mussolini⁵. Fruto de circunstâncias políticas e sociais que ocorriam na Itália, que “se encontrava à beira do colapso” (Albright; Woodward, 2018, p. 27), o Fascismo encontrou todos os nutrientes para se desenvolver e se consolidar naquele território. Era 1919 e existia, também, um sentimento de desprezo com a Itália depois da Conferência de Versalhes, que estabeleceu o fim da Primeira Guerra Mundial.

Assenta-se um forte sentimento nacionalista na Itália, que foi fomentado sob o argumento de que a Itália havia sido tratada como país de segunda categoria durante a Conferência de Versalhes⁶. Segundo Pachukanis (2020, local. 40):

O nacionalismo na Itália se valeu amplamente, para sua agitação, do fato de que a Itália, como grande potência de segunda categoria, experimentava certo menosprezo em sua autoestima – não se considerava seriamente a Itália na Conferência de Versalhes, a Itália não obteve Fiume e foi eludida na divisão das colônias.

Durante esse período, a Itália era governada pelo Rei Vítor Emanuel III, considerado um líder indeciso, tímido e franzino, que, em 22 anos como monarca, já havia nomeado pelo menos 20 primeiros-ministros. Além da questão da própria figura do Rei Vítor Emanuel III e sua aparente incapacidade de governar o país, ainda tinha a questão do Parlamento, que era visto pelos seus próprios membros como um antro de corrupção e no qual a distribuição de favores era prática comum com aqueles que tivessem boas conexões políticas ou sociais (Albright; Woodward, 2018).

⁴ O termo *fascista* tem origem na antiga República Romana e consistia em um feixe de hastes amarradas em torno do cabo de um machado de um só gume (*fascis*). Representava o poder e era mais um dos ícones utilizados por Benito Mussolini para ligar o povo italiano à uma origem romana, de um povo guerreiro e conquistador. A utilização de símbolos da iconografia romana foi amplamente explorada por Mussolini como, por exemplo, “o *fascio littorio*, a saudação com a mão estendida e a marcha cadenciada, permitia qualificar, com eficácia, uma especificidade fascista, apresentando-a, porém, ao mesmo tempo, como especificidade da nação” (Giardina, 2008, p. 55).

⁵ Benito Amilcare Andrea Mussolini nasceu na cidade de Predappio no dia 29 de julho de 1883 e faleceu no dia 28 de abril de 1945 na cidade de Mezzegra.

⁶ Cf. Albright e Woodward (2018, p. 25-26): “Ainda que os italianos fossem parte da aliança que acabaria vencendo, os frutos dessa vitória logo azedaram. As perdas humanas significativas foram difíceis de processar, mas a dor piorou muito mais quando os parceiros do país em Paris e Londres não cumpriram as concessões territoriais prometidas em segredo. Sequer convidaram o chefe de estado italiano, o rei Vítor Emanuel III, para a conferência de paz. Esse menosprezo fortaleceu a posição de antigos colegas esquerdistas de Mussolini, persuasivos no argumento de que haviam tido razão em se opor à guerra. As fileiras do Partido Socialista se inflaram e, na eleição parlamentar de 1919, a agremiação obteve mais votos que qualquer outra”.





Dentro dessa conturbada situação política e social da Itália, ainda em 1919, é que Benito Mussolini “empreendeu a organização de seus *‘fasci di combattimento’* (sindicato de soldados do *front*)” (Pachukanis, 2020, local. 41). Ao redor de Mussolino agruparam-se alguns milhares de ex-combatentes da Primeira Guerra Mundial, em sua maioria oriundos da pequena burguesia⁷. Usando estratégias das organizações militares, Mussolini formou uma célula fascista e que em pouco tempo começou a angariar seguidores (Pachukanis, 2020).

É importante destacar que as organizações fascistas tinham uma meta bem definida: alcançar o Poder, como bem observa Pachukanis (2020, local. 44):

O ponto característico consiste no fato de que a organização fascista, desde o início, se orienta na luta pelo poder, e ademais na luta por todos os meios, incluindo aqueles que violam diretamente a legalidade existente. É essa atitude direta em relação à tomada do poder de Estado que diferencia nitidamente o movimento fascista das organizações políticas de tipo parlamentar.

Dessa maneira, o ponto principal de Mussolini e seus seguidores era a tomada do Poder, mesmo que para isso seja necessário a violação de leis. Mas, ainda, os fascistas não tinham alcançado o Poder, mas isso seria somente uma questão de estratégia e tempo.

2.1 A Marcha sobre Roma

Mesmo sob todos os problemas internos e externos que debilitavam sobremaneira a Itália, ainda era Vítor Emanuel III que estava no Poder. Porém, para que se possa analisar a Marcha sobre Roma e a “queda” da monarquia, é preciso analisar os acontecimentos que antecederam esses fatos. Em maio de 1920, Mussolini já contava com 100 grupos fascistas e que somavam um contingente de mais de 30 mil membros. Em dezembro daquele mesmo ano, Mussolini podia contar com 8 mil *fasci*, grupos locais, e 150 mil membros (Pachukanis, 2020).

⁷ Destaca-se que, cf. Pachukanis (2020, local. 41-42): “Antes de entrar nesse ponto, é preciso dizer algumas palavras em relação à formação das primeiras organizações fascistas. Foram, como ora mencionado, os representantes por excelência de camadas da pequena burguesia. Mas essa não era a pequena burguesia do período do desenvolvimento capitalista inicial. Eram, em sua maioria, representantes da camada que cresceu na última década do desenvolvimento capitalista – intelectualidade técnica e servidores. Consequentemente, essa não é a pequena burguesia que vemos nas revoluções do fim do século XVIII e primeira metade do XIX, ou seja, artesãos, lojistas etc. Aqui, temos diante de nós outra camada, cuja posição social está ligada ao desenvolvimento técnico e ao progresso capitalista, estando mais apta a desempenhar um papel serviçal em relação ao grande capital. Esse é seu traço característico”.





O Fascismo cresceu na Itália porque milhões de cidadãos estavam insatisfeitos com o que acontecia em seu país. Além do receio de acontecer na Itália uma revolução bolchevique. Dessa maneira, Mussolini em seus discursos, apresentava uma outra via possível, a da conciliação nacional. Se, por um lado, instigava seus compatriotas a rejeitar os capitalistas, que somente queriam explorar o povo. Por outro lado, Mussolini apresentava os socialistas como causadores de transtornos à nação italiana, corruptos e demagogos e que nada faziam enquanto a Itália estava mergulhada em diversos problemas (Albright; Woodward, 2018).

A situação política e social italiana se agravava naquele período. Com um *exército* cada vez maior de adeptos, Mussolini decide desafiar não só o Império, mas todo o *staff* político. “Em outubro de 1922, decidiu desafiar o governo diretamente ao mobilizar os fascistas país afora. ‘Ou nos permitem governar’, declarou à convenção do partido, ‘ou tomamos o poder marchando sobre Roma’” (Albright; Woodward, 2018, p. 29). É o ultimato dado por Mussolini ao Rei Vítor Emanuel III. Albright e Woodward (2018, p. 29) destacam a frágil situação política do Rei naquele momento:

Dado que os políticos centristas estavam paralisados de tão divididos, caía sobre os ombros estreitos do rei Vítor Emanuel a responsabilidade de se contrapor à arrojada manobra de Mussolini. Tinha de fazer uma escolha entre os socialistas dispostos a destruir a monarquia e os fascistas desordeiros que, esperava, talvez ainda se provassem maleáveis; meio-termo não era mais possível. O exército e o primeiro-ministro aconselharam o rei a impedir a marcha anunciada pelos fascistas, prender Mussolini e lidar com ele depois à parte. O rei se recusou a princípio, mas mudou de ideia quando os fascistas começaram a ocupar jornais e prédios governamentais. Às 2 da madrugada de 28 de outubro, ordenou um basta aos atos dos fascistas. Sete horas depois, mudou de ideia de novo, aparentemente por acreditar que os fascistas poderiam derrotar o exército, o que àquela altura quase certamente não era verdade.

Em 16 de outubro de 1922, inicia-se, sem muita organização, a marcha dos camisas negras⁸ em direção à Roma. Partidários do regime fascista de várias partes da Itália, mas principalmente do Norte, respondem ao chamado de Mussolini e começam a marchar para Roma. Sem muitas alternativas, e sob a ameaça de Mussolini e seu *exército* de camisas negras, o rei “Vítor Emanuel escolheu o caminho que julgou mais seguro. Mandou um telegrama para

⁸ Na literatura se pode encontrar duas denominações equivalentes: camisas-negras ou camisas-pretas. A primeira, equivocadamente, pode remeter a ideia de raça e tal terminologia é encontrada em livros mais antigos. Por outro lado, a segunda terminologia, que atualmente parece mais adequada, não abre qualquer possibilidade de interpretação racial. Dessa maneira, as citações feitas com a denominação camisas-negras foram devidamente mantidas, ciente o leitor de que não existe qualquer relação racial com o termo.





Mussolini, que esperava cautelosamente em Milão, pedindo-lhe para ir a Roma substituir o primeiro-ministro [...]” (Albright; Woodward, 2018, p. 29).

Assim, Mussolini ascende ao poder, muito embora o Partido Nacional Fascista possuísse apenas 35 das 535 cadeiras de deputado (Oliveira, 2023). Em 31 de outubro de 1922, ocorreu a Marcha sobre Roma, que teve característica de comemoração do partido e seguidores de Mussolini. A heterogeneidade dos que compunham a marcha era muito grande, como bem destaca Albright e Woodard (2018, p. 30):

O público atraído pela ocasião era variado e desafiava quaisquer estereótipos rígidos quanto à aparência ou à definição de uma fascista. Entre os participantes da marcha havia pescadores de Nápoles andando a passos largos ao lado de balconistas e gerentes de lojas vestidos com camisas escuras e bonés de piloto.

A Marcha sobre Rome consolidou a chegada de Mussolini ao poder, mas a sua permanência. “O parlamento era dominado por socialistas e liberais, e os conservadores viam o líder fascista como alguém que poderiam esconder atrás, manipulando-o e, quando fosse conveniente, substituindo-o” (Albright; Woodward, 2019, p. 30).

Em seu primeiro discurso no parlamento italiano, Mussolini declarou “Podia ter transformado este salão acinzentado e monótono em acampamento para meus camisas-pretas e fechado o parlamento. Tinha condições para fazê-lo, mas não era a minha vontade – ao menos não ainda” (Albright; Woodward, 2019, p. 31). Ficando, dessa maneira, claras as intenções totalitaristas de Mussolini. Pachukanis (2020, local. 76) confirma, de maneira mais clara, o propósito de Mussolini depois de chegar ao poder:

[...] contando com a criação de uma milícia armada, o *f.* assumiu a posição de um Estado dentro do Estado e, finalmente, no outono de 1922, por meio de um golpe, tomou nas mãos o poder do Estado. As formas parlamentares e democráticas de dominação da burguesia foram, dessa maneira, substituídas por uma reconhecida ditadura do “Estado fascista”. Uma vez no poder, os fascistas passaram a conduzir uma política declarada de defesa dos interesses de grandes industriais e do capital financeiro. Ainda antes da tomada de poder, os “êxitos” ideológicos e organizativos do *f.* italiano converteram-se em patrimônio da reação internacional e encontraram apoiadores e imitadores em uma série de países.

Inicia-se, então, o período fascista na Itália, que se caracterizou na centralização do poder na figura de Mussolini (*Il Duce*) como grande líder de uma Itália à beira do caos econômico e social.





2.2 Algumas características do regime Fascista

O Fascismo é uma ideologia fundamentalmente mítica. Na Itália, o Fascismo proferiu a crença de que o povo italiano havia herdado toda a cultura da antiga civilização romana. Essa crença foi uma das bases míticas do Fascismo na Itália. Além de buscar no passado essa *pureza social* herdada do antigo Império Romano, o ideário fascista trazia diversas outras concepções conservadoras e estratificadas em seu ideário. A retomada de uma sociedade patriarcal é empregada sob o jugo fascista, como bem destacou Stanley (2018, local. 14):

A família patriarcal é um ideal que os políticos fascistas pretenderam criar na sociedade – ou recuperar, como afirmam. A família patriarcal é representada sempre como uma parte central das tradições da nação, diminuída, mesmo recentemente, pelo advento do liberalismo e do cosmopolitismo. Mas por que o patriarcado é tão central, do ponto de vista estratégico, para a política fascista?

Numa sociedade fascista, o líder da nação é análogo ao pai da família patriarcal tradicional. O líder é o pai da nação, e sua força e poder são a fonte de sua autoridade legal, assim como a força e o poder do pai da família no patriarcado supostamente são a fonte de sua suprema autoridade moral sobre seus filhos e esposa. O líder provê a nação, assim como na família tradicional o pai é o provedor. A autoridade do pai patriarcal deriva de sua força, e a força é o principal valor autoritário. Ao apresentar o passado da nação como um passado com uma estrutura familiar patriarcal, a política fascista conecta a nostalgia a uma estrutura autoritária hierárquica organizadora central, que encontra sua mais pura representação nessas normas.

Outro ponto de destaque na ideologia fascista é a utilização da força para a tomada do poder. Não foi somente na Marcha sobre Roma que os fascistas empregaram a força para chegarem ao poder. A manutenção e a consolidação dos fascistas no poder se deu, invariavelmente, com o uso arbitrário da força, como esclarece Pachukanis (2020, local. 78):

Em sua tática, o *f.* não se orienta pela vitória por meio dos votos, mas pela conquista direta do poder. Na relação com opositores políticos, emprega toda e qualquer forma de violência, desde espancamentos e todos os tipos de intimidação até assassinatos e destruição de casas e sedes das organizações (sindicatos, cooperativas de trabalhadores, bolsas de trabalho). Os fascistas italianos levaram a cabo por tal meio a luta contra o movimento operário. Ao se tornar o partido dirigente, não renunciaram a esses métodos, passando a complementá-los com o terror arbitrário das repressões governamentais (o assassinato do deputado socialista [Giacomo] Matteotti, os ferozes *pogroms* cometidos depois do quarto atentado contra Mussolini). As organizações fascistas de outros países também organizam o assassinato de seus oponentes políticos e represálias armadas contra os trabalhadores revolucionários.

É de destaque que, “a política fascista procura minar o discurso público atacando e desvalorizando a educação, a especialização e a linguagem” (Stanley, 2018, local. 37). Ou seja, a ideologia fascista teve o objetivo de desacreditar na educação. Stanley (2018, local. 37): “É



impossível haver um debate inteligente sem educação que dê acesso a diferentes perspectivas, sem respeito pela especialização quando se esgota o próprio conhecimento e sem uma linguagem rica o suficiente para descrever com precisão a realidade”.

As escolas e universidades, sob a perspectiva fascista, devem primar pela doutrinação nacionalista como reforço do passado mítico. Conforme explica Stanley (2018, local. 46):

Na ideologia fascista, o objetivo da educação geral nas escolas e universidades é inculcar orgulho do passado mítico. A educação fascista exalta disciplinas acadêmicas que reforcem as normas hierárquicas e a tradição nacional. Para os fascistas, as escolas e universidades existem para doutrinar o orgulho nacional ou racial, transmitindo, por exemplo (onde o nacionalismo é racializado), as gloriosas conquistas da raça dominante.

Os fascistas, desde o período de Mussolini no poder, fundamentaram a sua ideologia em bases irrealistas. A propaganda fascista distorce a verdade, substituindo o debate fundamentado por medo e raiva, como explica Stanley (2018, local. 53):

A política fascista troca a realidade pelos pronunciamentos de um único indivíduo, ou talvez de um partido político. Mentiras óbvias e repetidas fazem parte do processo pelo qual a política fascista destrói o espaço da informação. Um líder fascista pode substituir a verdade pelo poder, chegando a mentir de forma inconsequente. Ao substituir o mundo por uma pessoa, a política fascista nos torna incapazes de avaliar argumentos com base num padrão comum. **O político fascista possui técnicas específicas para destruir os espaços de informação e quebrar a realidade.** (g.n.)

A doutrinação também é um dos pilares da ideologia fascista. Em um sistema verticalizado de doutrinação, o Estado fascista tem a pretensão de estar em todas as esferas de existência da sociedade e impor um conceito único e regulador de toda a sociedade. Uma ideologia totalitarista na qual a divergência é vista com desprezo e passível das mais diversas formas de sanção, inclusive a morte. Como explica Pachukanis (2020, local. 78):

A doutrina de Estado do *f.* pode ser determinada como uma negação consequente dos princípios liberais e democráticos: o princípio da disciplina em vez da liberdade pessoal; o princípio da hierarquia e das prescrições vindas do alto em vez da eletividade; o princípio da escolha aristocrática em vez da igualdade democrática; a representação “corporativa” em vez da parlamentar etc.

Essas são algumas das características do Fascismo e que, em maior ou menor grau, foram empregadas em diversos outros países que seguiram tal ideologia. Também não foi diferente com a implantação do fascismo no Brasil, primeiramente de forma clara, direta e



evidente por Plínio Salgado; e vários anos depois, mas de forma velada e astuta, por Jair Messias Bolsonaro.

2.3 O Fascismo *repaginado* na História

Pode-se dizer que o fascismo de Mussolini fez escola ao redor do mundo. Desde Adolf Hitler até Vladimir Putin, nos dias atuais. Por certo, vários líderes adotaram, e continuam adotando, a ideologia e a prática facista em seus países, seja de maneira desavergonhadamente direta ou cautelarmente indireta.

É o que ocorreu no Brasil durante o governo Bolsonaro e que será visto mais adiante. Porém, antes, não se poderia deixar de analisar o nascimento do fascismo em terras brasileiras. Tudo se deu com Plínio Salgado e a sua Ação Integralista Brasileira (AIB), que será analisada no próximo tópico.

3 O FASCISMO NO BRASIL

Assim como diversos países pelo mundo, no Brasil a ideologia fascista teve grande receptividade. Importante destacar que o Brasil teve o maior movimento fascista fora da Europa. Entre 1920 e 1940 a Ação Integralista Brasileira (AIB) também representou, no Brasil, o maior movimento popular da direita, pelo menos até a chegada de Jair Messias Bolsonaro ao poder. Em seu apogeu, a AIB chegou a possuir 1 milhão de filiados, em um época que a população brasileira estava estimada em 30 milhões de habitantes (Dória, local 8).

Dória (2020, local. 8) reporta, com certa perplexidade, a difusão dos integrantes AIB na sociedade brasileira da época:

É até difícil de imaginar, mas, em meados dos anos 1930, era comum nas ruas das grandes cidades brasileiras cruzar com homens vestindo calça preta, camisa verde, gravata preta e uma braçadeira semelhante à nazista contendo, dentro do círculo branco, não uma suástica, mas a letra grega Σ (sigma). No Brasil, como em outros cantos, a esquerda tinha uma expressão para se referir a eles: os “encamisados”. De preto na Itália, de cáqui na Alemanha, de verde cá no Brasil. O apelido não veio à toa. Parte do *ethos* fascista era estar uniformizado, que remetia a uma padronização de toda a sociedade como eles consideravam ideal. **Assim como remetia à disciplina militar pela qual cultivavam fetiche.** (g.n.)



Assim como nos regimes de Mussolini (*duce*) e de Hitler (*füher*), aqui nas terras tupiniquins o líder da AIB, Plínio Salgado, foi apelidado de *Chefe Nacional*. “Plínio era um político paulista do interior, muito magro e baixo, mas, perante um microfone, eletrificava o público” (Dória, 2020, local. 10).

Como repórter, teve uma breve entrevista com Mussolini, fato que iria mudar a sua vida e suas ações. Voltou para o Brasil e dedicou-se a implantar a ideologia fascista no Brasil. Então, conforme explicado por Velasco ([entre 2014 e 2023], [n.p.]), Plínio Salgado:

[...] articula-se com grupos de intelectuais e simpatizantes do regime fascista e funda no mês de fevereiro de 1932 a Sociedade de Estudos Políticos (SEP) onde reuniam os intelectuais que compactuavam dos ideais autoritários de Plínio. Devido ao sucesso do SEP em outubro do mesmo ano é lançado o manifesto integralista onde Plínio funda a AIB.

Após apoiar Getúlio Vargas em 1930, a AIB é extinta como diversas outras agremiações partidárias. A AIB foi considerada o primeiro partido de massa na história brasileira e deixou um legado, no mínimo, controverso na história da política nacional.

3.1 As medidas fascistas do (des)governo Bolsonaro

Várias são as *coincidências* do governo Bolsonaro com a ideologia e a prática fascista. A adoção de uma determinada vestimenta que, no caso do governo Bolsonaro, foi a adoção da camisa verde’amarela da seleção brasileira de futebol.

O próximo passo é buscar um ou vários inimigos para combater, mesmo que esses inimigos sejam apenas imaginários ou invisíveis. Então, ressuscita-se um comunismo pré-queda do muro de Berlim, um comunismo expansivo que há muito marcou a história. Mas não basta só o comunismo, na esteira de combate ao inimigo estão os constantes ataques à imprensa ocorridos durante o governo Bolsonaro.

Como não bastasse esse *modus operandi* fascista, o governo Bolsonaro adotou o lema “Deus, Pátria e Família”. De maneira clara e objetiva, Bolsonaro se apropriou do lema da AIB de Plínio Salgado, que, por sua vez, tinha se apropriado de Mussolini.



Por fim, a proliferação das chamadas *fake news*⁹ foi marcante no governo Bolsonaro. E as *fake news* alcançaram todos os setores da sociedade.

3.1.1 Os camisas verde'amarela

Assim como os camisas-pretas de Mussolini ou os camisas-verdes de Plínio Salgado, Bolsonaro também adotou o seu *uniforme* para que seu séquito pudesse se reconhecer e ser reconhecido. Mas, diferentemente dos líderes anteriormente mencionados, Bolsonaro, de forma astuta, elegeu a camisa verde'amarela da seleção brasileira de futebol como vestimenta símbolo de seu governo.

Nada mais astuto que juntar as ambições fascistas de um governo, com a chamada "paixão nacional", o futebol. Não obstante, além da utilização da camisa verde e amarela da seleção brasileira de futebol, em muitas ocasiões pôde ser vista a utilização da Bandeira brasileira como uma capa, da mesma forma que pode ser vista em *O Superman* das revistas, filmes etc. Completava-se, assim, a figura do superfascista, o bolsonarista.

3.1.2 Os inimigos invisíveis

Assim como em outros regimes de base fascista, o governo Bolsonaro elegeu vários inimigos invisíveis. Um dos primeiros inimigos invisíveis da retórica bolsonarista foram os comunistas. Mas não o comunismo no modelo atual, se é que se pode dizer que ainda existe comunismo em alguma parte do mundo. Bolsonaro consegue ressuscitar o comunismo pré queda do muro de Berlim. Ou mais, o comunismo que Bolsonaro elegeu como inimigo era aquele de 1917 na Rússia, ou ainda, o comunismo de Mao Tsé-Tung, na China.

Sob a sombra invisível de um comunismo imaginário, Bolsonaro precisava, ainda, encontrar outros inimigos invisíveis para combater. Nenhum passo dado por um fascista é sem motivo ou aleatório. E foi o que aconteceu com a imprensa e os meios de comunicação em

⁹ "No Brasil, a definição de fake news se consolidou como **conteúdo informativo falso ou enganoso, deliberadamente criado e disseminado com a intenção de manipular a opinião pública, influenciar decisões ou causar danos**. Essa definição vai além da simples desinformação, **pois envolve a fabricação e o compartilhamento intencional de informações falsas com fins maliciosos**" (Gemini IA, 2024, g.n.).





geral, que passaram a ser sistematicamente atacados não só por Bolsonaro, mas, principalmente, por seus apoiadores.

Em reportagem publicada no site Brasil de Fato, Thayná Schuquel (2022, [n.p.]) analisa o Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa:

Segundo o relatório, o presidente Jair Bolsonaro (PL) foi o principal agressor em 2021. Sozinho ele foi responsável por 147 casos (34,19% do total), sendo 129 episódios de descredibilização da imprensa (98,47% do total de registros desse tipo de violência) e 18 agressões verbais.

É o terceiro ano seguido que Bolsonaro é o maior agressor em casos registrados pela Fenaj. Durante uma coletiva de imprensa, em 2020, ele chegou a disparar a seguinte fala a um repórter: “Vontade de encher a tua boca com porrada”. No Palácio da Alvorada, ele também mandou os profissionais “calarem a boca”.

Para a presidente da Fenaj, a postura de Bolsonaro, além de ser violenta, ‘impulsiona que os seus apoiadores também agridam jornalistas e atuem para descredibilizar a imprensa. É um processo preocupante porque se trata de uma instituição da República, incentivando, sim, agressões contra jornalistas’, afirmou.

Assim como na Itália e na Alemanha, o governo Bolsonaro elegeu os inimigos à sua gestão fascista. Assim como na Itália de Mussolini e na Alemanha de Hitler, Bolsonaro passou a perseguir o Comunismo. Bem verdade que no período de Mussolini e Hitler a ameaça comunista era real. Porém, Bolsonaro empreendeu uma luta contra um inimigo que não mais existia: o comunismo de cem anos atrás.

Por outro lado, o que não mudou desde Mussolini e Hitler, foi o ataque sistemático à imprensa. Nessa parte, Bolsonaro se mostrou um exemplar aprendiz. Buscou de todas as formas desacreditar nos meios de comunicação, inclusive os oficiais, com o fim de criar uma verdade através da repetição constante de uma mentira, até que se tornasse verdade. Além, é claro, das chamadas *fakes news* que foram parte integrante da trajetória de todo o governo Bolsonaro. Seja para louvar, indevidamente, o próprio governo ou inflar o ego do chefe do Poder Executivo, seja para perseguir e desacreditar opositores.





3.1.3 *Deus, pátria e família*

Bolsonaro encarna o lema da Ação Integralista Brasileira, de Plínio Salgado e seus seguidores: Deus, Pátria e Família¹⁰. Como visto anteriormente, a AIB foi um movimento de cunho essencialmente facista, liderado pelo escritor, jornalista e político Plínio Salgado. Segundo Motoryn e Carvalho (2021, [n.p.]): “Não é a primeira vez que o presidente Bolsonaro, ou pessoas de seu círculo de confiança, utilizam símbolos e expressões que os conectam com o integralismo, o fascismo ou o nazismo”.

A relação ideológica e prática do governo Bolsonaro com regimes totalitários, principalmente com o Fascismo, se mostrou por diversas vezes durante sua passagem pela Presidência da República. Motoryn e Carvalho (2021, [n.p.]) ainda destacam outra situação de referência nazista feitas pelo ex-secretário especial da Cultura, Roberto Alvim:

O caso mais emblemático é do ex-secretário especial de Cultura, Roberto Alvim, que em janeiro de 2020, copiou uma citação do ministro de propaganda da Alemanha nazista, Joseph Goebbels, em um discurso para as redes sociais, para divulgar o Prêmio Nacional das Artes.

Em um de seus discursos, Goebbels afirmou: ‘A arte alemã da próxima década será heroica, será ferreamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande páthos e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada’.

Na adaptação de Alvim, ficou assim: ‘A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional. Será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes de nosso povo, ou então não será nada’.

Dessa forma, não há como desvincular a gestão de Bolsonaro à sua clara intenção fascista. Toda a sua trajetória como presidente do Brasil foi de instabilidade das instituições democráticas e a busca da centralização do poder em sua própria figura, como fez Mussolini.

¹⁰ O slogan *Deus, Pátria e Família* foi amplamente utilizado pelo regime fascista de Mussolini e posteriormente, no Brasil, copiado por Plínio Salgado durante sua liderança na Ação Integralista Brasileira. O ex-Presidente Bolsonaro, na mesma linha nazifascista, utilizou o slogan *Brasil acima de tudo. Deus acima de todos*, que muito se assemelha ao slogan nacionalista de ênfase da supremacia alemã utilizada por Adolf Hitler: “**Deutschland über alles!**” (Alemanha acima de tudo).



3.1.5 “Eu sou a Constituição” - O Mito

Durante todo o mandato, o ex-presidente Bolsonaro sempre se mostrou adepto de grupos ou movimentos que preconizavam a intervenção militar no País, além do fechamento do Congresso, dentre outras medidas. Em uma dessas ocasiões, no qual o próprio presidente participou de uma manifestação pró-intervenção militar, afirmou ser ele a Constituição, conforme reportagem de Daniel Carvalho (2020, [n.p.]) publicada na Folha de São Paulo:

Após ser alvo de fortes críticas por sua participação em um ato que defendia uma nova intervenção militar no país, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) disse nesta segunda-feira (20) que é contra o fim da democracia. ‘No que depender do presidente Jair Bolsonaro, democracia e liberdade acima de tudo’, afirmou a jornalistas ao deixar o Palácio da Alvorada pela manhã.

‘O pessoal geralmente conspira para chegar ao poder. Eu já estou no poder. Eu já sou o presidente da República’, disse Bolsonaro, que, em outro momento, afirmou: **‘Eu sou, realmente, a Constituição’**. (g.n.)

Assim como na Itália fascista de Mussolini e a mítica de um povo que se originou e herdou a sabedoria e o poder da antiga civilização romana. Aqui no Brasil a mítica recaiu sobre a própria figura de presidente, que era tratado por seus apoiadores de *O Mito*. Mais uma construção do ideário fascista. Assim como *Duce* está para Mussolini, *Führer* está para Hitler e *Chefe Nacional* está para Plínio Salgado, *Mito* está para Bolsonaro, todos baseados na ideia de culto ao líder.

3.1.5 Os discursos de ódio e as fakes news

A distribuição do ódio e da desinformação através de *fakes news* formou o núcleo da gestão do ex-Presidente Bolsonaro. Lobo e Conceição (2019, local. 6) fazem uma estatística das publicações feitas por Bolsonaro, sistematizando-as em sete categorias:

As publicações analisadas no perfil de Jair Bolsonaro no Twitter puderam ser sistematizadas em sete categorias, criadas a partir da observação do conteúdo presente no perfil de Bolsonaro. Após a categorização das 663 publicações (tuítes), foi possível identificar que 38% delas correspondem a conteúdo Promocional/Comunicação; 31% a Administração Pública; 11% a Política Externa; 8% a Ideológico/Partidário; também 8% a Mídia; 2% a Economia; e outros 2% a Moral e Costume.

Dentro desse grupo amostral, Lobo e Conceição (2019, local. 7) passaram a identificar discurso de ódio e *fake news*:



Chegou-se ao resultado de que houve FDs com incitação ao ódio em 6% de todas as publicações realizadas, bem como 2% de menção ao termo fake news ou notícia falsa. Se segmentado por categoria, nota-se que as FDs com incitação ao ódio, em seus diferentes tipos, estão atreladas principalmente aos conteúdos Ideológico/Partidário (60%) e em segundo lugar à Promocional/Comunicação (16%). Já a presença do termo fake news ou semelhante foram localizadas principalmente nas comunicações do presidente sobre a Mídia (81%) enquanto aconteceu com bem menos frequência em Promocional/Comunicação (13%), ocupando o segundo lugar.

Os discursos de ódio possuem elementos da “expressão do comportamento, a externalização de pensamentos que desqualificam, humilham e inferiorizam indivíduos e grupos sociais”. Esses discursos ainda tem como objetivo propagar “aa discriminação desrespeitosa para com todo aquele que possa ser considerado “diferente”, quer em razão de sua etnia, sua opção sexual, religiosa, sua condição econômica ou seu gênero, para promover a sua exclusão social” (Lobo; Conceição, 2019, local. 8).

Bolsonaro em suas redes sociais passou, sistematicamente, a deslegitimar os meios de comunicação e inculcando no imaginário popular a certeza que não se pode confiar na mídia. Essa medida não é, nem de longe, despreziosa. Ao colocar em xeque a legitimidade dos meios de comunicação, ao mesmo tempo se levanta como o portador da verdade do seu governo. Lobo e Conceição (2019, local. 15) ainda destacam que:

Ainda que a imprensa brasileira possa e deva ser questionada do ponto de vista de sua atuação, atrelar à ela a produção de fake news constantemente, porém apenas quando as matérias são negativas em relação a Bolsonaro, parece um equívoco. Ao negar o trabalho jornalístico, parece haver a intensão (*sic*) de falar diretamente à sociedade brasileira sem a interferência de outros atores (como a mídia) que possa levantar pontos que desagradam o retratado. Assim, o presidente blinda-se de qualquer possível questionamento sobre sua atuação e responsabilidades como governante.

Dessa forma, tanto o discurso de ódio, quanto a propagação de *fake news*, foram sistematicamente empregadas durante o governo Bolsonaro. Assim como nos períodos de Mussolini e Hitler, Bolsonaro incentiva o sectarismo social e a busca por um inimigo. Além, é claro, de, também, sistematicamente deslegitimar os meios de comunicação com o objetivo de centralizar em si mesmo, a única fonte de informação verdadeira.

4 A TENTATIVA DA “MARCHA SOBRE BRASÍLIA” EM 8 DE JANEIRO DE 2023

Inconformados com a democrática derrota nas urnas, os simpatizantes do regime fascista liderados por Bolsonaro iniciaram uma série de protestos por todo o País. Inicialmente





esses grupos de simpatizantes acampam na frente de quartéis exigindo a intervenção militar para reverter os resultados das urnas, que eles acreditavam terem sido fraudulentas.

Não bastasse as cenas protagonizadas por simpatizantes bolsonaristas: homens, mulheres e crianças marchando em execução de ordem unida, numa clara alusão à necessidade de intervenção militar; apologia ao Ato Institucional 5, decretado durante a ditadura civil-militar; pedidos de fechamento do Congresso Nacional ou a prisão dos Ministros do STF, dentre outras situações.

Mas nada disso se compara ao que ocorreu no dia 8 de janeiro de 2023. Caravanas de apoiadores do ex-presidente Bolsonaro se dirigiram à Brasília para se juntarem aos outros simpatizantes que lá já se encontravam acampamentos, desde a derrota de Bolsonaro.

Ocorre que esse grupo não tinha qualquer intenção de fazer uma manifestação pacífica. Pretendiam, sim, derrubar a Democracia e instituir, sob força, um regime ditatorial fascista. Mas diferentemente do que aconteceu na Itália, a Marcha sobre Brasília não deu os resultados esperados pelos fascistas.

Dessa vez, a forte consolidação de um Estado Democrático de Direito superou os arbítrios das pretensões fascistas dos seguidores de Jair Messias Bolsonaro. As instituições democráticas não declinaram frente à ameaça e à força, muito ao contrário, mantiveram-se firmes e mais conscientes de suas competências institucionais em um Estado Democrático de Direito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Fascismo tem sua origem na Itália, resultante de incertezas sociais, econômicas e políticas após sua participação na Primeira Guerra Mundial. Naquele país a ideologia fascista encontrou solo fértil para implantação de seu ideário nacionalista. Nasce na Europa a ideologia fascista que em pouco tempo se espalha pelo mundo até os atuais dias.

Mussolini, *il Duce*, ascendeu ao poder encurralando o rei Vítor Emanuel III a tomar uma decisão que levaria Mussolini ao cargo de Primeiro-Ministro. Para consolidar a sua chegada ao poder, Mussolini promove a Marcha sobre Rome, que pretendia demonstrar o poderio dos





camisas-pretas caso as condições impostas por Mussolini não fossem aceitas, ou seja, o poder total para governar a Itália.

Nasce na Itália e se espalha pelo mundo. A ideologia fascista tem suas peculiaridades em cada país em que é implantada, como no caso da Alemanha, que resultou no Nazismo, mas que, ao fim e ao cabo, foi a implantação da ideologia fascista de Mussolini às necessidades totalitaristas de Hitler.

Mas Mussolini não fez só escola na Europa. O Fascismo atravessou o continente europeu e teve seu *ilustre* representante no Brasil, Plínio Salgado, que foi jornalista, escritor e político. Após ter uma entrevista pessoal com *Il Duce*, Plínio Salgado se convenceu que o Fascismo, testemunhado por ele na Itália, seria o melhor regime para o Brasil.

Depois de sua volta ao Brasil, Plínio Salgado inicia a construção do ideário fascista no Brasil. Apesar de sua figura pouco imponente, Plínio era exímio escritor e orador, e poucos meses depois já contava com mais de um milhão de integrantes da Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento por ele fundado e que incorporou todo o ideário fascista criado por Mussolini: os símbolos, um ideário mítico, a crença em um líder geral da nação, dentre outros.

Com a semente do mal – o Fascismo – já plantada pelo mundo e, também, no Brasil, era só questão de tempo para que ela germinasse novamente na primeira oportunidade. E foi o que ocorreu quando Jair Messias Bolsonaro foi eleito Presidente. Aos poucos, Bolsonaro foi escancarando a sua faceta fascista, que em determinado ponto ele não tinha mais como esconder.

O ápice do fascismo bolsonarista ocorreu no dia 8 de janeiro de 2023. Nesse dia, Bolsonaro e seus seguidores, pretendiam replicar a Marcha sobre Roma, ou seja, a vitória e a ascensão de Mussolini ao poder. Mas, diferentemente do que acontecera outrora, a Marcha sobre Brasília não passou de uma frustrada tentativa de golpe. Com uma Democracia consolidada e instituições democráticas maduras o suficiente para não se curvarem diante da pretensão de uma minoria de insatisfeitos.

Atualmente, no Brasil, não há mais espaço para delúrios fascistas totalitários de uma pessoa ou de um grupo de pessoas. O cenário interno mudou e, da mesma forma, o cenário





internacional. Mas é importante que fique o alerta de que a semente do mal está plantada e só esperando os nutrientes econômicos, políticos e sociais para poder novamente germinar.

REFERÊNCIAS

ALBRIGHT, Madeleine; WOODWARD, Bill. **Fascismo: um alerta**. São Paulo: Planeta, 2018. 304 p. Tradução de Jaime Biaggio.

CARVALHO, Daniel. **Eu sou a Constituição, diz Bolsonaro ao defender democracia e liberdade um dia após ato pró-golpe militar**, in Folha de São Paulo. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/democracia-e-liberdade-acima-de-tudo-diz-bolsonaro-apos-participar-de-ato-pro-golpe.shtml>. Acesso em: 18 out. 2023.

DORIA, Pedro. **Fascismo à brasileira: como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo**. São Paulo: Planeta, 2020. (e-Book).

FELICE, Renzo de. **Mussolini il fascista: l'organizzazione dello stato fascista (1925 - 1929)**, vol. II. Torino: Einaudi, 1968.

GEMINI (Inteligência Artificial). **Fake News no Contexto Brasileiro: Uma Definição Atualizada**. [S.l.]: [S.n.], publicada em 17 de abril de 2024 às 16:10. Disponível em: <https://g.co/gemini/share/72d37979e7aa>. Acesso em: 17 abr. 2024.

GIARDINA, A. O mito fascista da romanidade. *Estudos Avançados*, v. 22, n. 62, p. 55–76, jan. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/hbxLPbBs8gz5PGWcprsCY8d/#>. Acesso em: 10 out. 2023.

LOBO, Denis Augusto Carneiro; CONCEIÇÃO, Desirèe Luíse Lopes. **Ódio e fake news como estratégia política no discurso de Bolsonaro nas redes sociais digitais**. 2019. Biblioteca Digital da Justiça Eleitoral. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/9135>. Acesso em: 19 out. 2023.

MOTORYN, Paulo; CARVALHO, Igor. **“Deus, Pátria, Família”**: Bolsonaro usa lema da ação integralista brasileira em carta à nação. Bolsonaro usa lema da Ação Integralista Brasileira em carta à nação, in Brasil de Fato. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/09/deus-patria-familia-bolsonaro-usa-lemadaacao-integralista-brasileira-em-carta-a-nacao>. Acesso em: 18 out. 2023.

OLIVEIRA, Valdir. **Os camisas negras, os patriotas e o neofascismo brasileiro**. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniao/2023/02/5071806-artigo-os-camisas-negras-os-patriotas-e-o-neofascismo-brasileiro.html>. Acesso em: 16 out. 2023.

PACHUKANIS, Evguiéni Bronislávovitch. **Fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2020. Livro digital (E-pub). Tradução de Paula Vaz de Almeida.





REPORTE DE LA DEMOCRACIA 2023. Gotemburgo: Instituto V-Dem, 2023. Disponível em: https://v-dem.net/documents/35/V-dem_democracyreport2023_espanol_med.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

SCHUQUEL, Thayná. **Dia do Jornalista:** ataques de bolsonaro contra a imprensa incitam violência, que cresce no país. ataques de Bolsonaro contra a imprensa incitam violência, que cresce no país, *in* Brasil de Fato. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/07/dia-do-jornalista-ataques-de-bolsonaro-contra-a-imprensa-incitam-violencia-que-cresce-no-pais>. Acesso em: 18 out. 2023.

STANLEY, Jason. **Como funciona o Fascismo:** a política do "nós" e "eles". [S.L.]: L&Pm, 2018. 208 p. Tradução de: Bruno Alexander.

VELASCO, Valquiria. **Ação Integralista Brasileira (AIB).** [entre 2014 e 2023]. In Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/era-vargas/acao-integralista-brasileira-aib/>. Acesso em: 19 out. 2023.

